



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

COMENSAIS DA MORTE OU DA VIDA? CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIÃO VIVIDA PARA A TEOLOGIA CRISTÃ A PARTIR DA SÉRIE LITERÁRIA *HARRY POTTER*

Death or life Eaters? Contributions of lived religion to christian theology from the Harry Potter literary series

Ivan Kiper Malacarne¹
Júlio César Adam²

Resumo

O artigo dialoga a série literária *Harry Potter* com a liturgia eucarística a partir da religião vivida, entendida como um instrumento hermenêutica capaz de alçar novas experiências e reflexões teológicas e religiosas para além das clássicas discussões doutrinárias, principalmente, através da cultura pop. Almeja-se contribuir para as discussões sobre a relevância da igreja na contemporaneidade e, conseqüentemente, a tarefa da Teologia Prática para todo o labor teológico.

Palavras-chave

Religião vivida, Harry Potter, cultura pop, liturgia eucarística.

Abstract

The article dialogues the Harry Potter literary series with the eucharistic liturgy based on lived religion, understood as a hermeneutic instrument capable of raising new theological and religious experiences and reflections beyond the classical doctrinal discussions, mainly, through pop culture. It aims to contribute to the discussions on the relevance of the church in contemporary times and, consequently, the task of practical theology for the whole theological work.

Keywords

Lived religion, Harry Potter, pop culture, eucharistic liturgy.

Introdução

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdades EST (2019). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia pela mesma instituição na área de Teologia Prática, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: kipermalacarne@gmail.com

² Professor adjunto de Teologia Prática, na Faculdade EST, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST – 1996) e doutorado em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha (2004). Atua como professor de liturgia, homilética, ministério e edificação de comunidade e espiritualidade. E-mail: julio3@est.edu.br

O presente artigo reflete as possibilidades da teologia cristã na discussão sobre a relevância da igreja na contemporaneidade. Através da religião vivida, a qual possibilita ampliar os horizontes teológicos e religiosos, pretende-se dialogar as percepções teológicas e religiosas que compõem a obra literária *Harry Potter* com a teologia e a prática da liturgia da Eucaristia (ou Santa Ceia). Considera-se a *morte* elemento formador da série e da liturgia e, de mesma importância, a questão do posicionamento humano frente a ela. Na eucaristia, cristãos e cristãs comem do pão e bebem do vinho (ou suco de uva) em uma refeição memorial da Paixão de Jesus Cristo. Enquanto isso, em *Harry Potter*, a morte é questionada e vivida, ora como uma boa amiga, ora como mal a ser vencido e superado por meio de feitiços e/ou objetos mágicos poderosos. Tudo isto está no confronto da finitude feito todo ser humano e a conseqüente postura que cada qual assume (ou deixa de assumir), concedendo sentido para toda a sua vida.

O artigo está formado sob quatro seções principais. A primeira delas discute a religião vivida como instrumento hermenêutico da Teologia Prática para propor discussões sobre os conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade na contemporaneidade, em diálogo com a cultura pop. Apresenta os limiares da teologia cristã como espaços fecundos para novas discussões teológicas. A segunda seção aborda aspectos históricos, teológicos, litúrgicos e sociais da liturgia eucarística (ou liturgia da Santa Ceia), dando ênfase no conceito de *anamnesis* como conceito chave na interação com a série *Harry Potter*. Ademais, aborda-se a temática da morte como substancial tanto para a série, quanto para a liturgia cristã. O terceiro tópico introduz a série a partir da temática da morte como elemento formador da mesma, especialmente, na tensão entre o protagonista Harry Potter e o antagonista Lord Voldemort. Por fim, interações entre a série e a liturgia eucarística serão apresentadas com o intuito de fomentar discussões na academia e nas diversas instâncias das igrejas cristãs, além de propor pontos de interseção para debate com outras áreas do saber, principalmente as ciências humanas, no contexto brasileiro.

Entre magia, feitiços, objetos mágicos animais fantásticos, mundos mágicos, trouxas, bruxos e bruxas, caminha-se para discutir a relevância da igreja na contemporaneidade, por isso:

“Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom”³

Religião vivida: reflexões para a igreja na contemporaneidade

Os debates sobre a religião vivida se formam dentro de um processo de reconfiguração do espaço e da cultura religiosa na contemporaneidade. Assim, enquanto as fronteiras confessionais são diluídas, os elementos religiosos são reconfigurados para além da teologia institucional. Diante disto, o desafio da Teologia Prática é, segundo Adam, “não só como estudo da prática da Igreja, mas como mapeamento e interpretação da religião vivenciada [ou religião vivida]”⁴. A própria definição de religião aponta para a amplitude dos seus limites, se é que podem ser alcançados, visto que ela se constitui como movimento que transcende os limites da natureza e da realidade. O processo de globalização ampliou e dinamizou o desenvolvimento da religião vivida. É possível

³ Palavras de um encantamento para apresentar o conteúdo do *Mapa do Maroto*, um pergaminho que identifica todos os espaços e movimentos das pessoas em Hogwarts, uma das principais escolas de magia do mundo bruxo. Harry Potter, o protagonista da série, ganha o material em seu terceiro ano na escola. Para maiores informações, conferir o capítulo 10 - O Mapa do Maroto. In: ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 138-157.

⁴ ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada. In: GROSS, Eduardo; OLIVEIRA, Kathleen L. de; SCHAPER, Valério G., WESTHLLE, Vítor (Orgs.). *Deuses e Ciências Na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 178.

que ela sempre esteve presente, contudo, adquire proporções cada vez maiores e incontroláveis pelos ditames da religião oficial⁵.

Adam⁶ caracteriza a religião vivida ou vivenciada como “uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião”⁷. É uma forma “de olhar e interpretar a teologia prática a partir daquilo que as pessoas vivenciam, percebem e expressam como sendo religião e teologia”⁸. Trata-se de “nuances religiosas” que não subsistem como um movimento religioso autônomo. Contudo, ela está imbricada, inclusive, em conteúdos e formas seculares, por exemplo, na literatura, nos filmes, nas novelas e nas histórias em quadrinhos. Muitos destes aspectos foram e são descaracterizados por meio das instâncias que definem a doutrina e a estrutura da “religião institucional”. Tudo isto forma e fundamenta o sentido da vida que as pessoas e os grupos tecem ao longo de suas experiências.

Nesta perspectiva, a *práxis* da Teologia Prática se origina a partir daquilo que as pessoas e os grupos da sociedade concebem e interpretam o sagrado, sendo este um conceito que carrega uma perspectiva ampla sobre religião e religiosidade⁹. Pode ser caracterizado como “um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão”¹⁰. Essa leitura não exclui ou destitui de importância e normatividade as compreensões dogmáticas e eclesiais das diferentes denominações, mas possibilita maior maleabilidade nas discussões sobre a relevância destas na sociedade contemporânea, além de formar pontes de diálogo para outras áreas da ciência. Desta forma, percebe-se que o cristianismo é uma dentre várias manifestações religiosas explícitas ou implícitas¹¹.

GANZEVOORT assinala que o labor da Teologia Prática está alicerçado num processo de percepção das interpretações da vida, relações com as pessoas próximas a nós e todas “as tradições que modelam nossas vidas”¹² e consequente valor normativo que estas possuem. Estes caminhos se cruzam em “encruzilhadas”, conforme termo utilizado pelo autor, tendem a promover uma vida “espiritual” que dê significado. Ele afirma que toda esta tarefa é teológica. Tendo em vista sua finalidade de captar e compreender a relação entre o ser humano e o sagrado ou, nas palavras de Ganzevoort, a tarefa da teologia “é rastrear o sagrado”¹³. Portanto, neste artigo, tomar-se-á a religião vivida como instrumento hermenêutico para uma leitura dos elementos teológicos e religiosos que compõem a série literária *Harry Potter*, em especial, sua relação com o sacramento da Eucaristia.

A série é composta por sete livros principais¹⁴ que criam e fundamentam todo o universo dela. Publicada, originalmente, como literatura juvenil, a série *Harry Potter* adquiriu notável adesão, especialmente, do público infanto-juvenil por apresentar uma linguagem semelhante a do

⁵ ADAM, 2012, p. 178-181.

⁶ ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri A.; STRECK, Gisela I. W. (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 79.

⁷ ADAM, 2013, p. 79.

⁸ ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 114-128, jan./jun. 2018. p. 115.

⁹ ADAM, 2018, p. 115-9.

¹⁰ ADAM, 2018, p. 119.

¹¹ ADAM, 2018, p. 115-9.

¹² GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. p. 324.

¹³ GANZEVOORT, 2009, p. 324.

¹⁴ Todos os livros estão referenciados no final do artigo.

cinema (com intenso fluxo de imagens). Isto é, apresenta “sequências narrativas curtas, reveladas numa sequência espaço-temporal claramente definida e determinada, mas sem quaisquer descrições detalhadas”¹⁵. Assim, consideram-se as narrativas como elemento-chave para a religião vivida e para o cristianismo por expressarem, de modo explícito e implícito, questões existenciais humanos e sua relação com o sagrado/transcendente. Neste caso, a questão pela relação humana com a morte será analisada na série para discutir as possibilidades teológicas na discussão sobre a liturgia da eucaristia para a *práxis* da Teologia Prática.

A memória de Cristo na liturgia da Eucaristia/Santa Ceia

Schmidt-Lauber, ao discutir a nomenclatura *eucaristia*, a qual corresponde ao termo Santa Ceia¹⁶, acentua que, principalmente nos três primeiros séculos da igreja, seu significado caracterizava toda a celebração comunitária¹⁷. Segundo ele, o conceito abrangia toda a “memória comunitária em louvor e ação de graças”¹⁸. Isto está fundamentado na perspectiva do culto ser o principal momento de comunhão das pessoas batizadas, tendo o rito da eucaristia como o centro do culto e da vida cristã¹⁹. A refeição eucarística é o símbolo máximo para expressar a fé de uma comunidade no evento Cristo²⁰.

Todavia, conforme a igreja se aproximou do Estado e se tornou religião oficial do Império Romano, aproximadamente a partir do século 4 d.C. no Ocidente, ela fortaleceu a importância da presença de Cristo nos elementos e, de certo modo, em detrimento da presença de Cristo em todo o ato litúrgico da comunhão eucarística e do culto. Assim, a percepção de que o sacerdote realiza novamente o sacrifício de Cristo foi intensificada e, conseqüentemente, o poder dos sacerdotes se ampliou, afinal eles eram responsáveis por consagrar a presença de Cristo nos elementos (pão e vinho ou suco de uva). Gradativamente, a comunidade reunida se distanciou da participação na mesa da comunhão²¹. Nesta aproximação, percebe-se que a assimilação da estrutura do Estado - sua relação com o poder, seus cargos, suas densas estruturas (inclusive dos próprios edifícios), o direito jurídico - pela igreja prejudicou a vivência do culto como espaço de refeição comunitária, no qual todas as pessoas participam e se reúnem com o propósito de rememorar o evento Cristo, em especial a sua morte e ressurreição.

Salutar para a compreensão sobre a eucaristia é a *anamnese*. O termo, normalmente traduzido por memória, está circunscrito dentro do imaginário judaico, portanto, é “muito mais abrangente do que o nosso “lembrar” ou “recordar””²². É memória que forma a identidade da igreja, impacta e muda o seu presente e a perspectiva para o seu futuro²³. “O objeto, a ação salvífica de Deus, deve tornar-se presente de tal maneira que daí resultem conseqüências

¹⁵ SANTOS, João Fernando de Castro Gonçalves dos. *Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de Harry Potter*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015. p. 15.

¹⁶ Nas próximas menções do rito, apenas o termo *eucaristia* será utilizado. Contudo, entende-se que a expressão *Santa Ceia* é correspondente.

¹⁷ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2013. v. 2. p. 22.

¹⁸ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 22.

¹⁹ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 33.

²⁰ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 21.

²¹ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 36; ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2006. p. 148.

²² SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 47.

²³ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 47; A Eucaristia. In: WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. 3 ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2012. p. 104-6.

concretas para a vida religiosa e moral das pessoas que se lembram”²⁴. White declara que a “*Anámnese* expressa o sentido de que, repetir essas ações, a pessoa volta a vivenciar a realidade do próprio Jesus presente”²⁵.

Nesta perspectiva, von Allmen concebe o culto cristão como “uma recapitulação do evento principal da história da salvação e, por conseguinte, implicitamente, da história da salvação inteira”²⁶. O exercício da *anamnese* é o mais característico da recapitulação. Assim, é possível estimular a comunidade reunida em torno da mesa a viver a fé pascal no presente. “O culto é, por conseguinte, a recapitulação da história da salvação, na medida em que reatualiza o passado antecipa o futuro e glorifica o presente messiânico”²⁷. Ele é memória da libertação da morte, não apenas em Cristo, mas intimamente ligado com às narrativas do povo de Israel sobre o seu êxodo do Egito.

O culto é momento celebrativo que promove uma nova Criação - um novo ESCHATON nas palavras de von Allmen - do presente-futuro possibilitado pela recapitulação dos eventos do passado. Há certa transcendência do tempo e do espaço, pois, passado, presente e futuro estão unidos e se influenciam mutuamente²⁸. A eucaristia não monopoliza a *anamnese de Cristo*, pois isto caracteriza o culto cristão, mas ela exprime isto com maior vigor²⁹. Allmen a define a liturgia eucarística sob três características, a saber, “os momentos do memorial da Paixão do Cristo, de irrupção do ESCHATON e de comunhão”³⁰, todas vinculadas à concepção de *anamnese*.

Allmen esclarece que a eucaristia se faz presente no culto para motivar a pessoa cristã a entregar-se ao compromisso que envolve a vida cristã e isto acontece através de todos os “atos concretos”³¹ da liturgia eucarística. A comunhão cristã está fundamentada no memorial do sacrifício de Cristo, pelo qual, a liturgia da eucaristia é formada e através do qual motiva para o exercício cristão de ser um “sacrifício” de louvor para Deus e de auxílio para a pessoa próxima³². A comunhão possibilita que o grupo seja cuidado, assim como o próprio ser humano cuida do seu próprio corpo. Neste corpo cristão, atenta-se, principalmente, para as partes mais fragilizadas³³. “O ritual da Eucaristia nunca é um evento individual, mas sim uma ação coletiva, um movimento do amor de Deus em direção a um mundo novo”³⁴. Carvalhaes afirma que a eucaristia resgata a coletividade da vida cristã e, por isso, ela contrapõe com perspectivas narcisistas do ser humano³⁵.

A partir da perspectiva de Júlio de Santa Ana, Carvalhaes descreve a comensalidade como um elemento definidor da identidade do Reino de Deus. Para o cristianismo, esta ação é memória do legado de Jesus Cristo e da salvação que veio e vem por meio d’Ele³⁶. Torna os seres humanos em *companheiros* e *companheiras*, considerando que, etimologicamente, a palavra é formada por outras duas do latim (*cum et panis*) e significam uma “amizade em torno do pão”³⁷. Nas primeiras comunidades cristãs, a eucaristia era um elemento de coesão social muito importante que

²⁴ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 47.

²⁵ WHITE, 2012, p. 151.

²⁶ ALLMEN, 2006, p. 32.

²⁷ ALLMEN, 2006, p. 35.

²⁸ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 47-8.

²⁹ SCHMIDT-LAUBER, 2013, p. 49.

³⁰ ALLMEN, 2006, p. 146.

³¹ ALLMEN, 2006, p. 155.

³² ALLMEN, 2006, p. 155; CARVALHAES, Cláudio. *Ceia do Senhor, Santa Ceia, Eucaristia: a utopia de Jesus em nossos dias*. Tear Online: liturgia em revista, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 4-30, 2015. p. 9-11.

³³ CARVALHAES, 2015, p. 9-11.

³⁴ CARVALHAES, 2015, p. 11.

³⁵ CARVALHAES, 2015, p. 11.

³⁶ CARVALHAES, 2015, p. 23-4.

³⁷ CARVALHAES, 2015, p. 24.

possibilitava ao cristianismo ser constituído por diferentes grupos, muitas vezes opostos entre si, como o povo greco-romano e o povo judeu, dentro de uma sociedade onde eram minoria³⁸. O ritual possibilitava “um sentimento de coesão, de pertença, e de obrigação social”³⁹.

Quando a vida é compartilhada, há movimento de empatia, de dar importância, vez e voz para cada pessoa. Esta vida é vivida através da misericórdia, da justiça e da defesa da dignidade para que não seja destruída⁴⁰. A igreja experimenta a vida verdadeira à luz da Páscoa, a qual “é um testemunho da glória de Deus, da salvação de Deus para o mundo, da vida, more [sic] e ressurreição de Jesus que emite um convite permanente à libertação”⁴¹. Portanto, a Paixão de Cristo, em especial a sua morte e a sua ressurreição, é experiência que determina toda a vida cristã e o seu envolvimento com toda a Criação. A verdadeira comunhão acontece quando há morte do eu-pecador, ou seja, o que determina que os seres humanos se mantenham voltados para si mesmos e não conseguem ver para além disso, mas ressuscita, renasça para a comunhão que se compadece do sofrimento alheio. A comunhão eucarística reatualiza a morte do eu-pecador no batismo e o nascimento de um novo eu-em-Cristo que vive para a misericórdia, a justiça e a dignidade de toda a Criação. Cada cristão e cristã é *comensal da morte*! A eucaristia é memória constante deste fato, pois, “todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha”⁴².

A morte em Harry Potter: entre o dilema de ser ou não ser comensal da morte

A morte forma e perpassa toda a série, desde os seus primeiros rabiscos. A história descreve a existência de seres mágicos que formam o mundo bruxo, enquanto que há pessoas sem poder mágico que constituem o mundo dos trouxas⁴³. Apesar disso, os espaços de vivência não estão separados radicalmente, sendo assim, bruxos e bruxas convivem com trouxas (nem sempre esta existência é pacífica), mesmo estes desconhecendo o mundo mágico.

O protagonista Harry Potter é apresentado como um órfão que teve o seu pai, Tiago, e a sua mãe, Lílian, assassinados ainda quando ele possuía poucos meses de vida pelo maior bruxo das trevas, Lorde Voldemort. A criança é entregue para a família da irmã de sua mãe Petúnia para ser cuidado junto com seu tio Válter e seu primo Duda. O objetivo principal de Voldemort era matar Harry, devido a uma profecia⁴⁴. Entretanto, Lílian se sacrificou para salvar seu filho, o que impediu que o feitiço da morte⁴⁵ matasse Harry. Assim, a defesa de Lílian gerou uma proteção que fez o feitiço ricochetar e destituir Voldemort de seus poderes e enfraquecê-lo, forçando-o a se esconder. Uma cicatriz em formato de raio foi forjada na testa da criança como sinal da proteção gerada por sua mãe, um sacrifício que gerou temor e tremor por todo o mundo bruxo.

³⁸ CARVALHAES, 2015, p. 15-6.

³⁹ CARVALHAES, 2015, p. 16.

⁴⁰ CARVALHAES, 2015, p. 19-20.

⁴¹ CARVALHAES, 2015, p. 20.

⁴² BÍBLIA de Estudo Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 1 Coríntios 11. 26.

⁴³ Título que caracteriza quem não é bruxo ou bruxa.

⁴⁴ A profecia foi feita pela Sibila Trelawney quando foi entrevistada pelo professor Alvo Dumbledore para assumir a cadeira de Adivinhação em Hogwarts. No momento, ela previu o nascimento de alguém capaz de derrotar o Lorde Voldemort (na época ele estava reunindo seguidores e seguidoras e fortalecendo os seus poderes). A profecia especificava algumas características desta pessoa, todavia, Voldemort tomou ciência de apenas algumas partes da profecia e concluiu que Harry era essa pessoa. Para maiores detalhes, ver: ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 680-3.

⁴⁵ O nome do feitiço é *Avada Kedavra*.

O mundo mágico esteve em alerta durante toda a ascensão de Lorde Voldemort e o seu recrutamento de bruxos e bruxas, os e as *comensais da morte*. Após o seu desaparecimento⁴⁶, muitas pessoas acreditavam que não era possível o seu retorno, todavia, outras percebiam evidências que atestavam possibilidades para uma nova ascensão. Entrementes, Harry se tornou um símbolo de vitória sobre a morte, um símbolo que rompeu o feitiço mais poderoso do mundo mágico. Enquanto isso, o garoto cresceu primeiro junto ao círculo familiar do seu tio, sua tia e seu primo e, depois, foi para Hogwarts, onde viveu seis anos⁴⁷. Durante este período, ele formou valiosas amizades, especialmente com Hermione e Rony, e tentou descobrir o seu passado, o motivo da existência de sua cicatriz, a morte misteriosa do seu pai e da sua mãe, além de aprender a usar e experimentar a magia.

Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*⁴⁸, quarto livro da série, estão as narrativas que anunciam a recuperação dos poderes de Voldemort e o início da Segunda Guerra Bruxa, na qual ele reiniciou a sua missão de reunir um grande e potente grupo, os e as comensais da morte, mais muitas criaturas mágicas aliadas, como os gigantes. E fez isto para assassinar Harry e dominar tanto o mundo mágico, quando o mundo trouxa, subjugando as pessoas trouxas e bruxos e bruxas “sanguês-ruins”⁴⁹.

O ápice da Segunda Guerra Bruxa é a Batalha em Hogwarts⁵⁰. Os e as comensais da morte e diversas criaturas mágicas, liderados e lideradas por Voldemort, estão em combate na escola com um grupo que resiste à sua dominação, o qual está próximo da derrota. Todavia, Voldemort concede uma hora de trégua para reverter a situação e finalizar o conflito, caso Harry se entregue a ele. Contudo, neste curto período de tempo, o garoto descobriu que ele é uma Horcrux⁵¹ e precisa ser morto por Voldemort para permitir que este possa ser derrotado. Assim, Harry se entrega ao bruxo na Floresta Proibida, localizada próximo da escola. Lá, isolado de todas as pessoas amigas, Voldemort lançou a maldição da morte em Harry e o matou.

Logo após isto, como se estivesse em um sonho, Harry está em lugar parecido com a estação de King’s Cross⁵², com o professor Dumbledore⁵³. Em uma longa conversa, o professor e seu mestre, revela que Harry é o senhor da morte por aceitá-la em favor da luta pela vida do mundo mágico e do mundo trouxa. Por um mundo onde a magia das trevas não domine. Segundo Dumbledore, Harry “é o verdadeiro senhor da Morte, porque o verdadeiro senhor não busca fugir da morte”⁵⁴. Enquanto Dumbledore, por meio das Relíquias da Morte⁵⁵, e Voldemort, através das

⁴⁶ Quando o feitiço que Voldemort lançou sobre Harry ricocheteou para ele, não causou a sua morte. Mas o deixou enfraquecido, esvaído de seus poderes. Contudo, a maior parcela das criaturas, bruxos e bruxas do mundo mágico acreditava em sua morte definitiva. Somente no livro *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, são descritos os motivos pelos quais ele não morreu na noite em que tentou assassinar Harry Potter.

⁴⁷ No período de férias de verão, Harry retornava à casa do seu tio e da sua tia.

⁴⁸ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

⁴⁹ Adjetivo preconceituoso que indica que determinado pessoa é bruxo ou bruxa, mas sua família é trouxa. Voldemort cultivava o prestígio por famílias bruxas que possuíam sangue “genuinamente puro”, ou seja, não estavam ligados às pessoas trouxas.

⁵⁰ Relatada em ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

⁵¹ Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Dumbledore e Harry descobre o segredo que manteve Voldemort vivo: as Horcruxes. Trata-se de “um objeto em que a pessoa ocultou parte da própria alma” (página 360) para sobreviver de qualquer ataque que sofra, até mesmo o feitiço da morte. Para tanto, divide-se a alma ao matar alguém. Voldemort formou seis horcruxes, sendo Harry a sétima delas, involuntariamente formada ao matar Lílian. Para maiores detalhes, ver: ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 357-71.

⁵² Estação que leva os alunos e as alunas para a escola de magia através do Expresso Hogwarts.

⁵³ Dumbledore foi morto aproximadamente um ano antes da Batalha em Hogwarts. O momento está narrado no livro *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*.

⁵⁴ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 524.

Horcruxes, tentaram se tornar senhores da morte, Harry foi o único que conseguiu realizar este feito quando aceitou a sua morte por amor a memória da sua família, seus amigos e suas amigas que morreram lutando contra Voldemort, por Hogwarts e por todo o mundo bruxo e o mundo trouxa. Afinal, amar também é não temer a morte⁵⁶. Ainda em conversa com Harry, Dumbledore anunciou ao garoto: “Ele [o Senhor da Morte] aceita que deve morrer, e compreende que há coisas piores, muito piores do que a morte no mundo dos vivos”⁵⁷.

Ao término do diálogo, Harry aceita ressuscitar⁵⁸ para encerrar a sua luta com Voldemort, afinal a alma deste em Harry foi destruída. Neste momento, Voldemort pode finalizar a guerra rapidamente e não há expectativa de que haja alguma chance para aqueles e aquelas que o combatem. Os e as comensais da morte e Voldemort retornam ao castelo da escola com o corpo de Harry e o apresentam para todas as pessoas que ainda resistem como última chance de se renderem. Contudo, ao revelar que ressuscitou, Harry renovou a esperança dos e das que ali estavam resistindo e fortaleceu todos os anseios pela derrota do Lorde das Trevas. E no Grande Salão de Hogwarts, Harry enfrentou o seu destino, assumiu a luta final com Voldemort e o venceu⁵⁹. Destaca-se o comentário de Apostolides e Meylahn, a esperança pode movimentar o ser humano para a resignificação e a ordenação do caos que perpassa todos os eventos humanos⁶⁰. Nas últimas cenas do final do último livro, a esperança, fomentada por toda a simbologia que o garoto Harry portava, foi indispensável para impedir que o caos, o desânimo e a tristeza desestruturassem toda a resistência ao Lorde Voldemort.

Várias denominações cristãs rejeitam a série por compreendê-la como uma apologia à bruxaria e à magia negra sendo, portanto, satânica⁶¹. No mundo judaico-cristão, a palavra bruxo/bruxa pode significar alguém que pratica a idolatria e que está envolvida com algum ritual ou ação má. Todavia, a palavra *wizard* - comumente traduzida por bruxo/bruxa do inglês - possui um significado que precisa ser levado em consideração na série⁶². Ela pode ser traduzida por “um ‘sábio’, aquele que sabe muito e que sempre soube, ainda que não percebesse, ou que não saiba que sabe”⁶³. Sendo assim, Harry representa este *wizard*⁶⁴. A partir desta perspectiva de magia é possível conceber a experiência de feitiçaria e bruxaria em *Harry Potter*. Apesar de existir magias e feitiços que podem ser caracterizados como magia negra, a qual é vivida por Voldemort e seu grupo.

A vida bruxa está próxima da vida das pessoas trouxas, pois, é através da magia que o ser humano, munido de mitos e de todo o seu imaginário que concedem significado à vida humana e

⁵⁵ As Relíquias da Morte, que dão nome ao último livro da série, são formadas por três objetos: a varinhas das varinhas, a mais poderosa; a capa da invisibilidade; e a pedra da ressurreição. Segundo uma antiga história, a pessoa que possuísse os três objetos seria capaz de se tornar Senhor da Morte. ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 298-311. Quando jovem, Dumbledore tentou adquirir as três relíquias, mas desistiu e percebeu o perigo desta empreitada quando sua irmã Ariana foi assassinada, acidentalmente, ao tentar apartar uma briga entre Alvo e seu irmão Aberforth por causa da insistência de Alvo pelas relíquias. ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 404-415.

⁵⁶ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 524.

⁵⁷ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 524.

⁵⁸ Depois de sua conversa com Dumbledore, Harry utiliza uma das relíquias da morte, a pedra da ressurreição, para voltar à vida. Ele opta por esta escolha, pois, poderia permanecer morto.

⁵⁹ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 526-544.

⁶⁰ APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The lived theology of the *Harry Potter* series. *HTS Theologese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014. p. 4.

⁶¹ SANTOS, 2015, p. 13.

⁶² VALIM, Julio Pancrácio. *Mito, Arte e Educação: o imaginário em Harry Potter*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2014. p. 46-7.

⁶³ VALIM, 2014, p. 46-7.

⁶⁴ VALIM, 2014, p. 46-7.

às suas relações consigo mesmo, com a outra pessoa e com toda a Criação, que ele se torna *ser humano*. Pode-se questionar se isto rompe ou não com a perspectiva da soberania de Deus diante da salvação a partir de sua revelação, em especial na figura de Cristo. Todavia, considera-se que a experiência aqui descrita se refere às formas que o ser humano responde e expressa sua resposta à revelação de Deus. Ademais, Apostolides e Meylahn acenam para o fato de que a obra de Rowling não iguala Harry Potter a Jesus Cristo, mas “nos dá vislumbres do Evangelho e do amor, da morte e da ressurreição de Cristo através da “estória” de Harry”⁶⁵. E são estes vislumbres que formam a identidade de vários personagens da série⁶⁶.

A “nova Criação” em *Harry Potter* foi possibilitada através de pessoas que questionaram o poder escravizador da magia das trevas, que promovia a morte de relações e, especialmente, de criaturas e pessoas consideradas inferiores e quem ousava contestar esta dominação. Harry se tornou um símbolo, no qual Dumbledore, Lílian, Tiago, Hermione, Rony, Hogwarts e de muitas outras pessoas que os antecederam, orbitavam e o formavam para promover laços afetivos que romperam com o poder escravizador da magia das trevas. Harry permaneceu unido com Voldemort através do feitiço da morte *Avada Kedeva*, a partir da fatídica noite em que o bruxo das trevas tentou assassiná-lo. A ligação foi interrompida somente quando Harry aceitou enfrentar novamente o feitiço da morte na Floresta Proibida durante a Batalha de Hogwarts. Desta forma, Harry se tornou verdadeiramente o senhor da morte⁶⁷. E isto foi possível somente pela capacidade de amar, pois, por meio dela não se teme a morte⁶⁸.

Incursões entre a Santa Ceia e *Harry Potter*

As considerações desenvolvidas nos tópicos acima revelam as experiências formadas no cristianismo e na série *Harry Potter* a partir da sua relação com a morte. Pode-se dizer que tanto na eucaristia, quanto na série, a morte é “comida” de alguma forma. Para a eucaristia, bem como todo o culto cristão, a narrativa da Paixão de Cristo é o elemento formador da comunhão cristã. Tudo aquilo que se denomina cristão está, de alguma forma, vinculado ao *evento pascal* centrado na morte e ressurreição de Cristo. Enquanto isso, a série se desenvolve a partir das posições que o ser humano assume frente a sua finitude, conseqüentemente, a morte. O último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, destaca isso de modo mais evidente. A própria autora confirmou isto, tendo em vista que, durante o processo de redação dos livros, sua mãe faleceu aos 45 anos⁶⁹. Portanto, abordar-se-á a “comensalidade” da morte como elemento-chave na relação entre a liturgia eucarística e a série. Afinal, refletindo a partir da teologia cristã, somos comensais da morte ou da vida?

A comensalidade é um símbolo para os dois lados de *Harry Potter*. Junto com Voldemort, estão os e as comensais da morte, que almejam proteção, poder, domínio da magia e imortalidade de alguma forma. “Comer a morte” nesta situação é tentar desviar ou acabar com a morte natural, comum para todos os seres humanos, trouxas, bruxos e bruxas, e com todas as representações dela ao longo da vida, principalmente o fracasso e a fraqueza. Neste projeto, matar outras pessoas e outras criaturas, pode ser uma necessidade quando se percebe que estas podem ser problemáticas.

⁶⁵ Tradução nossa: “gives us glimpses of the Gospel and of Christ’s love, death and resurrection through Harry’s story”. APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014, p. 4.

⁶⁶ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014, p. 4.

⁶⁷ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 524.

⁶⁸ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 524.

⁶⁹ SANTOS, 2015, p. 66; APOSTOLIDES; MEYLAHN, *The lived theology of the Harry Potter series*, 2014, p. 3.

Na série, uma resistência surgiu para impedir que Voldemort, seus seguidores e suas seguidoras continuassem a oprimir o mundo bruxo e o mundo trouxa. No contexto da Primeira Guerra Bruxa, surgiu a Ordem da Fênix⁷⁰ a qual foi um grupo representativo neste propósito. As pessoas que o integravam compartilhavam a amizade e a confiança como elementos que promoviam a vida do mundo mágico e do mundo trouxa⁷¹. As motivações da Ordem da Fênix estão em prol do coletivo e excedem os interesses pessoais de Voldemort, especialmente, o desejo da imortalidade para si somente. A comensalidade da Ordem está em torno de aceitar a morte como uma amiga, inclusive quando se está lutando contra ações de opressão, violência e preconceito.

Para a liturgia eucarística, a igreja compôs a oração eucarística como momento exímio para apresentar, de forma sublime, a recapitulação da salvação. Afinal, ela rememora os grandes momentos-símbolo da relação entre Deus e o ser humano antes de e em Jesus Cristo. E ainda assegura a continuidade da sua ação, do seu reinado, sob ação do Espírito Santo. O modelo litúrgico referencial para a IECLB⁷² expressa esta consideração e pode-se notá-la nos elementos constituidores da oração: diálogo e prefácio (reafirmam a participação de toda a comunidade na liturgia) – *Sanctus* – *anamnese* – narrativa da instituição – epiclese (clamor pelo Espírito Santo, para que ele torne eficaz a comunhão eucarística) – mementos (indica a participação no futuro da história da salvação) – Doxologia (louvor final)⁷³. Ademais, seguindo a perspectiva de Leonhard Goppelt, biblista neotestamentário, a celebração da ceia de Jesus com seus discípulos anunciou e anuncia uma nova relação dele com toda a humanidade⁷⁴.

Em diálogo com esta perspectiva, o sacrifício que Lílian Potter realizou para salvar o seu filho, motivado pelo amor-incondicional⁷⁵ (próximo do amor ágape?), foi a ação que marcou a criança por toda a sua vida. Isto é instigante na fala da professora de Hogwarts, Minerva McGonagall, em diálogo com o professor Dumbledore no primeiro capítulo da série, quando comenta sobre Harry:

Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje [dia em que o seu pai e a sua mãe foram assassinados] ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!⁷⁶

A ação de Lílian foi transformada em ato memorial para todo o mundo bruxo como momento de temor, mas também de alegria, pois Voldemort foi derrotado. Todavia, torna-se novamente uma memória de resistência quando ele renasce e ameaça novamente a segurança e a liberdade do mundo bruxo e do mundo trouxa. Assim como a *anamnese* do evento Cristo é central para toda a cristandade, também é a *anamnese* do evento *Harry Potter* – a vitória sobre o feitiço mais poderoso, o feitiço da morte, pelo amor – para todo o mundo mágico. Harry e todas as pessoas que assumiam a luta contra Voldemort “comiam” e “bebiam” desta memória, maravilhados com a capacidade de amar de Lílian que a moveu para defender Harry do vilão, capacidade que Voldemort não possuía⁷⁷.

⁷⁰ Grupo formado pelo então professor de Hogwarts Alvo Dumbledore para lutar contra o crescimento de Lord Voldemort, os e as comensais da morte e demais criaturas mágicas aliadas a ele.

⁷¹ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 527.

⁷² O material foi discutido e aprovado no XXII Concílio Geral da IECLB no ano 2000. MARTINI, Romeu Ruben (Coord.). *Livro de culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 87-9. p. 9.

⁷³ MARTINI, Romeu Ruben (Coord.). *Livro de culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 87-9.

⁷⁴ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003. p. 223-331.

⁷⁵ Neste artigo, conceitua-se amor-incondicional como movimento que entrega a própria vida em favor de algo que vai além do benefício próprio.

⁷⁶ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 15.

⁷⁷ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 369.

Era, portanto, possível romper com o medo da morte e com o ódio de tudo o que não compartilhava do “sangue puro”⁷⁸ que forjava a identidade dos e das comensais da morte. A capacidade de amar impediu que Harry se tornasse um comensal da morte⁷⁹. Sentir a dor e o sofrimento, e não negá-los, é, segundo Dumbledore, a maior força de Harry, pois ela constitui a própria humanidade do garoto⁸⁰. A sensibilidade com a dor alheia é consequência da capacidade de amar. Voldemort entende esta atitude como tolice, como fraqueza. Afinal o objetivo do Lorde das Trevas era conhecer meios de como matar Harry e alcançar os próprios interesses para conquistar a imortalidade e eliminar quem lhe prejudicasse ou apenas pelo prazer⁸¹. Assim, a figura de Harry tornou-se o símbolo de esperança para o mundo bruxo⁸².

A Segunda Guerra Bruxa foi caracterizada por um rápido crescimento do domínio de Voldemort em várias instituições e grupos do mundo bruxo. Ele provocava “confusão, incerteza e medo”⁸³ ao invés de declarar uma rebelião aberta. A dúvida e o medo eram as armas dele para assegurar o seu domínio⁸⁴. No caos deste cenário, a esperança era fomentada a partir do símbolo do *Menino-Que-Sobreviveu*. Isto fica atestado quando Harry, Rony e Hermione escutaram, no programa de rádio clandestino *Observatório Potter*, o qual anunciava pesadas críticas ao novo regime imposto pelo Ministério da Magia, um dos entrevistados afirmar: “O Menino-Que-Sobreviveu continua a ser um símbolo de tudo por que estamos lutando: o triunfo do bem, o poder da inocência, a necessidade de continuar resistindo”⁸⁵.

Ao acolher a morte como uma amiga e não como inimiga, como concebiam Voldemort e até Dumbledore (até a morte da sua irmã Ariana), Harry revelou a fragilidade de Voldemort. A luta não terminou quando Voldemort se dirigiu com o corpo de Harry para Hogwarts e respectivo anúncio da morte do garoto⁸⁶. A batalha de Hogwarts chegou ao fim junto com o período de terror que sobreveio ao mundo mágico após a ascensão de Voldemort. Toda esta ação coletiva em torno da figura de Harry Potter possibilitou uma comunhão verdadeira, formada pela amizade e pela confiança. Significativa é uma das últimas cenas, quando todas as pessoas estão reunidas no salão principal da escola e onde “todos estavam misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos”⁸⁷. Neste ato, experimenta-se a salvação, pois uma comunhão que promove a vida foi possibilitada pelo sacrifício de tantas pessoas que se reúnem em torno figura de Harry Potter, o Menino-Que-Sobreviveu e venceu a morte pela capacidade de amar.

Considerações finais

Comensal da morte ou da vida? Trata-se de uma dialética que faz sentido para a vida cristã apenas quando se percebe-se a dinâmica da vida e da morte na Paixão de Cristo. Sem dúvida, a morte ressignificou e ressignifica a vida humana. Na eucaristia, comemos e bebemos do corpo e sangue de Cristo em seu memorial e assim a comunidade cristã se torna comensal da morte. Não com o objetivo de exterminá-la e viver a imortalidade pretendida por Lorde Voldemort, porém,

⁷⁸ Sangue puro é a marca dos bruxos e das bruxas que possuíam sua descendência unicamente de bruxos e bruxas, sem influência trouxa.

⁷⁹ ROWLING, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 370.

⁸⁰ ROWLING, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 666-7.

⁸¹ ROWLING, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 678-9.

⁸² ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 37.

⁸³ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 157.

⁸⁴ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 157.

⁸⁵ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 324.

⁸⁶ Esta cena acontece no capítulo A Falha do Plano (ver adicionar referência p. 529).

⁸⁷ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 541.

viver a experiência de morrer para o pecado e possibilitar a ação de Deus para fomento da capacidade de amar. Esta impede que se “devore a vida” em prol de interesses pessoais em detrimento da vida de outras pessoas e de toda a Criação. Pode-se dizer que tanto em Harry, quanto na eucaristia, “comer” a morte sempre será feita a partir da memória de um ato de amor (Lílian para Harry, Cristo para o cristianismo), em comunhão fraternal e para combater a violência, o preconceito, o ódio e o egoísmo. Assim, a comensalidade da morte não destrói a vida, mas a ressignifica para uma “nova Criação”.

Constata-se que não se pode idealizar a figura de Harry ou demonizá-la. Os dois extremos depreciam a qualidade da obra, especialmente na sua capacidade de auxiliar a teologia cristã e seu exercício da fé em comunidade. A grande apreciação da obra por leitores e leitoras de diversas idades, especialmente adolescentes e jovens, é um sinal significativo para a teologia, em especial para a teologia prática, observar os movimentos da cultura pop na contemporaneidade, considerando as potencialidades para o bem e para o mal. Além disso, mesmo imbuído da sua capacidade de amar, Harry também expressou atos, ideias, e posições que se aproximavam de Voldemort. Isto é, Harry e outros personagens foram ambíguos, o que é interessante na desconstrução de um ser humano perfeito e ideal e que se aproxima da discussão antropológica reformatória sobre o ser humano justo e pecador.

Para a igreja, segue sendo motivador e indispensável a recomendação de Dumbledore para Harry, pouco antes do final da Batalha de Hogwarts: “Tenha piedade dos vivos e, acima de tudo, dos [e das] que vivem sem amor”⁸⁸.

“Malfeito feito!”⁸⁹

Referências

ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso . In: BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri A.; STRECK, Gisela I. W. (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 78-92.

ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 114-128, jan./jun. 2018.

ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada. In: GROSS, Eduardo; OLIVEIRA, Kathlen L. de; SCHAPER, Valério G., WESTHILLE, Vítor (Orgs.). *Deuses e Ciências Na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 176-195.

A Eucaristia. In: WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. 3. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2012. p. 148-171.

ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006. p. 21-40; 145-155.

⁸⁸ ROWLING, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 525.

⁸⁹ Palavras do encantamento para ocultar todas as informações do *Mapa do Maroto*. ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. p. 146.

APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The The lived theology of the *Harry Potter* series. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014.

BÍBLIA de Estudo Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 1 Coríntios 11. 26.

CARVALHAES, Cláudio. Ceia do Senhor, Santa Ceia, Eucaristia: a utopia de Jesus em nossos dias. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 4-30, 2015.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a Teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003. p. 223-331.

MARTINI, Romeu Ruben (Coord.). *Livro de culto*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 87-9.

SANTOS, João Fernando de Castro Gonçalves dos. *Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de Harry Potter*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. A Eucaristia. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2013. v. 2. p. 15-75.

VALIM, Julio Pancrácio. *Mito, Arte e Educação: o imaginário em Harry Potter*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2014.

Obras da série *Harry Potter*

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.